



Construção civil já está a parar obras

O presidente da confederação do setor revela que já há obras interrompidas e cortes na cadeia de valor. Uma suspensão total, diz, depende da evolução do surto.

70

VOOS

A TAP, que tinha 3.000 voos semanais antes do surto, vai operar agora apenas 70.

15

DESTINOS

A companhia aérea reduziu de 90 para 15 os destinos na América, Europa e Portugal.

10,6

TRABALHADORES

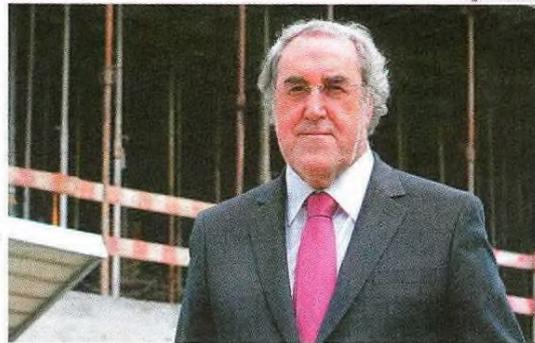
O grupo tinha em 2019 10,6 mil trabalhadores, que representam um custo de 740 milhões.

determinou Bruxelas -; que haja uma limitação às obrigações de prestarem cuidado e assistência em cancelamentos devido à pandemia; e flexibilidade para permitir que as companhias ofereçam remarcações ou "vouchers" em vez de reembolsos na atual situação. Além disso, como já assumiu o presidente da Lufthansa, as companhias defendem ajudas públicas especiais - que hoje são proibidas pelas regras da União Europeia. A Moody's, que reviu esta quinta-feira em baixa a notação da TAP, diz acreditar que a transportadora "vá precisar de apoio dos seus acionistas durante o segundo trimestre". ■

O setor da construção já começou a parar obras devido ao surto do novo coronavírus, "ainda que de forma pontual", adiantou ao Negócios Manuel Reis Campos, presidente da Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário (CPCI). "Já há obras que estão a ser interrompidas e há diversas disrupções ao longo da cadeia de valor desta atividade", explicou o responsável.

O setor já elaborou uma primeira estimativa do impacto mensal de uma suspensão total da atividade, designadamente na tesouraria das empresas, tendo por base o mês de março de 2019, ainda que Reis Campos saliente que "esta é uma situação que ainda não ocorreu", mas que "depende da evolução do surto epidemiológico e da resposta determinada pelas autoridades".

No seu conjunto, as empresas de construção representam um volume de negócios mensal de 1.768 milhões de euros, a que corresponde um valor acrescentado bruto (VAB) de 683 milhões de euros. Os salários e remunerações mensais atingem os 435 mi-



Miguel Baltazar

O volume de negócios mensal na construção é de 1.768 milhões.

lhões de euros neste setor, responsável por um universo de 306 mil trabalhadores diretos. Segundo o presidente da CPCI, as construtoras têm ainda encargos mensais de financiamento junto da banca de 58 milhões de euros.

No total a fileira da construção e do imobiliário emprega mais de 600 mil trabalhadores que, em caso de suspensão de trabalhos, "de um momento para o outro, deixam de ter atividade". Segundo Reis Campos, "nem sequer é possível, neste momento,

quantificar o impacto económico e social de uma suspensão total da atividade".

O setor já reclamou ao Governo medidas imediatas, orientadas para a gestão de tesouraria e de recursos humanos, como o acesso às linhas de crédito e ao regime de "lay-off" simplificado, a suspensão, por dois meses, das obrigações fiscais e contributivas ou o pagamento imediato a todos os fornecedores do Estado. Nesta matéria, o presidente da CPCI salientou que o Executivo já emi-

“

[A paragem total das obras] depende da evolução do surto e da resposta determinada pelas autoridades.

MANUEL REIS CAMPOS
Presidente da CPCI

tiu uma recomendação às entidades públicas no sentido de se proceder aos pagamentos no mais curto prazo possível, mas "esta é uma medida insuficiente". "Entendemos que se deve ir mais além promovendo o pagamento, independentemente dos prazos contratualmente definidos ou constantes da faturação desses bens e serviços, ou mesmo mecanismos como o adiantamento de parte ou da totalidade dos trabalhos não executados", disse. ■

MARIA JOÃO BABO

Cimenteiras fazem depender fecho de fábricas das solicitações do mercado

As cimenteiras portuguesas não têm intenção de suspender a produção, mas tudo depende da evolução da atividade dos clientes. Ao Negócios, fonte oficial da Cimpor afirmou que o encerramento de fábricas "não está nos nossos planos, mas depende das solicitações do mercado da construção, em relação ao qual, esperamos que possa continuar a sua atividade com um impacto redu-

zido face à situação que vivemos".

A cimenteira detida pelo grupo turco Oyak adiantou ainda que, "até ao momento" não está a ter problemas no acesso a matérias-primas nem decréscimos de procura, nem mesmo falhas de pagamento dos clientes. Quanto ao recurso ao "lay-off", diz que não está nos seus planos, "mas estamos a monitorizar continuamente a evolução da situação e

tomaremos as medidas adequadas". Quanto às linhas de crédito, só admite recorrer "caso os nossos clientes parem de pagar".

Já a Secil diz que tomou todas as medidas para compatibilizar a proteção dos colaboradores com a manutenção da atividade industrial e comercial. "Porém, como a situação é muito recente e inédita, não temos ainda indicadores fiáveis quanto a condi-

ções de mercado", afirmou fonte oficial, acrescentando que o grupo usará "todas as ferramentas legais e de gestão, em função da situação, para gerir com a maior flexibilidade e segurança os nossos recursos". "Faremos tudo o que nos for possível para assegurar a cadeia de abastecimento dos clientes, contribuindo para a mitigação dos efeitos económicos negativos", disse. ■ MJB